

## EDITORIAL

Este número da RBSH é publicado ao final do primeiro semestre do ano da pandemia de COVID-19 (causada pelo SARS-CoV-2) que atingiu a população mundial, modificando a maneira como nos relacionamos com o trabalho, o estudo e o lazer; reforçando hábitos de higiene e lançando uma espécie de lente de aumento sobre nossa capacidade de lidar com o estresse, a vulnerabilidade diante de frustrações e a importância das relações interpessoais. O governo brasileiro decretou estado de emergência nacional após cerca de um mês quando foi detectado o primeiro caso notificado em 26 de fevereiro de 2020. Em setembro foram notificados 4.544.629 infecções confirmadas e 136.895 mil mortes por COVID-19.<sup>1</sup>

A sexualidade, como importante fator na avaliação de qualidade de vida, justamente por incorporar vários aspectos da vida humana, dentre eles a própria identidade, o prazer físico, emocional e a capacidade de estabelecer relações afetivas, certamente foi impactada por esta pandemia. Assim também o foram os profissionais que trabalham com o tema que, para além de lidarem com conflitos de ordem prática e emocional em suas vidas pessoais, tiveram que adaptar práticas de atuação, ampliando seus olhares para múltiplas questões, dentre elas a incorporação da tecnologia na mediação dos desejos e da excitação sexual. Embora muitas perguntas estejam em aberto, algumas pesquisas já divulgaram dados preliminares sobre o impacto da pandemia no comportamento sexual sob diversos aspectos.

Para além do aumento de consumo de sites pornográficos, troca de nudes, *sexting*, uso de plataformas para encontro de pessoas e apps, houve também o aumento da masturbação. García-Cruz e Peraza (2020 apud IBARRA, 2020) mostram que 10% das pessoas pesquisadas praticaram mais masturbação durante o confinamento do que em outras épocas. Já Ibarra (2020) aponta que 16% das pessoas estavam usando chats e mídia social para *sexting* e outros 5,5% aplicativos de namoro.

O tráfego mundial no Pornhub, por exemplo, teve pico de elevação de cerca de 24,4% no mês de março de 2020, após a oferta do acesso ao conteúdo *premium* como forma de incentivar as pessoas a permanecerem em casa (IBARRA et al., 2020, p. 110).

Como a situação de pandemia pode afetar os relacionamentos, será necessário estudar no futuro. A pandemia está mudando radicalmente as relações sexuais e de casal: confinamento, dificuldade em fazer sexo, perda de trabalho, problemas econômicos e um futuro incerto podem atuar como gatilhos para separar muitos casais. Muitos casamentos foram adiados e, se já existiam problemas de relacionamento anteriores, a situação de confinamento pode acelerar esse processo. Na China, onde o coronavírus forçou milhões de pessoas ao isolamento, o número de pedidos de divórcio disparou nos últimos meses nas províncias mais afetadas, de acordo com jornais locais dessas províncias. Na população geral de Hong Kong em 2004, os pedidos de divórcio eram 21% maiores do que os níveis de 2002.

No estudo sobre o impacto da pandemia sobre as suas vidas íntimas, do Instituto Kinsey (LEHMILLER et al., 2020), foram observadas quedas significativas (43,5%) no comportamento sexual individual ou com parceria, à exceção de pessoas autorreferenciadas como não binárias, único grupo para o qual as taxas de masturbação não diminuíram. Somente uma em cada cinco pessoas (20,3%) relatou fazer algum acréscimo no seu comportamento sexual, como experimentar novas posições sexuais, *sexting*, enviar nudes, assistir pornografia, fazer sexo cibernético, filmar-se masturbando-se e realizar fantasias sexuais, sendo que a adição de novo comportamento esteve relacionada à orientação sexual, e foi maior para a população LGBTQ+ (22,3%) do que nos participantes heterossexuais (18,1%).

A pesquisa revelou também que, embora as pessoas que vivem sozinhas tenham incorporado mais tecnologia à sua vida sexual, a experiência não parece ter sido tão gratificante quanto às atividades em parceria. Já os resultados preliminares da pesquisa de García-Cruz e Peraza (2020) demonstraram que a relação sexual foi menos frequente em 31% dos casais pesquisados que falam inglês e em 23% dos que falam espanhol. Surpreendentemente, 3,2% dos espanhóis e 9,7% dos ingleses tiveram relações sexuais com pessoas diferentes de seus parceiros (García-Cruz; Peraza, 2020, p. 109).

Outra investigação na Turquia, realizada entre os meses de março e abril deste ano, com 58 mulheres, apontou que o desejo sexual e a frequência da relação sexual feminina aumentaram significativamente durante a pandemia, enquanto a qualidade da vida sexual diminuiu significativamente (YUKSEL; OZGOR, 2020). Em um estudo transversal com mulheres casadas iranianas houve relação entre os componentes de qualidade de vida e função sexual, ansiedade, depressão, saúde em geral e obsessões de contaminação (ZAHRA et al., 2020). Já uma pesquisa italiana apontou que o estresse provocou efeito negativo na função sexual de mulheres em idade reprodutiva, após quatro semanas das medidas de restrição serem aplicadas no país. A restrição social e a incerteza quanto ao futuro impactaram a qualidade de vida e a função sexual das pessoas, sendo o efeito psicológico causado pelos altos índices de depressão, ansiedade

<sup>1</sup> <https://br.reuters.com/article/saude-corona-brasil-20set-idLTAKCN26B0XS>

e insatisfação, (SCHIAVI et al., 2020) associando-se ainda o maior tempo de coabitação com seus parceiros, reduzindo significativamente a atividade sexual. A pesquisa também correlacionou menos cuidados com o corpo e associação com o sedentarismo.

Hall e colaboradores (2020) reforçam que as respostas globais à pandemia convergem com as desigualdades existentes na saúde sexual e reprodutiva e na justiça, o que impacta na saúde, no bem-estar e na estabilidade econômica de mulheres, meninas e populações vulneráveis. A diminuição no uso de contraceptivos foi observada no estudo de Yuksel e Ozgor (2020), chamando a atenção para o efeito negativo no planejamento familiar e na saúde física e emocional das mulheres. Segundo os autores, distúrbios menstruais também foram mais comuns nesse período.

Embora dados mundiais sugiram que menos mulheres estão morrendo da doença do que os homens, todos os medos e preocupações com as consequências da COVID-19 na saúde física e emocional, social e econômica e a sobrecarga na rotina diária com filhos e parcerias podem ter efeito profundo sobre a saúde mental das pessoas, mais ainda para mulheres.

Mulheres grávidas estão mais frequentemente vulneráveis durante emergências de saúde pública. Embora não sejam expressivos o número de casos de bebês que tenham nascido infectados, a possibilidade de transmissão vertical durante a gravidez não parece comum (IBARRA et al., 2020). No entanto, consultas de rotina pré-natal podem ter sido interrompidas ou descontinuadas por causa da nova estrutura hospitalar, afetando a saúde do feto e da gestante.

Hospitais oprimidos lutando para funcionar com pessoal e a escassez de suprimentos pode não ser capaz de fornecer a alta qualidade do atendimento que todas as mulheres grávidas e seus recém-nascidos merecem, muito menos responder à emergência obstétrica e complicações. Além disso, também existe o risco de que tratamentos ou vacinas que salvam vidas sejam negados a grávidas mulheres pela preocupação com a segurança fetal ou pela falta de dados (GAUSMAN; LANGER, 2020, p. 465).

Chamamos a atenção, principalmente para a população que não tem acesso à telemedicina. Como analisam Hall e outros (2020, p. 1175) não podemos deixar de imprimir esforços a fim de promover,

uma estrutura de saúde e justiça sexual e reprodutiva - uma que centralize os direitos humanos, reconheça a intersecção de injustiças, reconheça as estruturas de poder e reúna as identidades - é essencial para monitorar e abordar os efeitos desiguais de gênero, saúde e sociais do COVID-19.

Pessoas cujos direitos humanos são geralmente mais desprotegidos carregarão um fardo mais pesado sobre as devastadoras consequências econômicas e sociais.

Precisamos também considerar que o período de distanciamento social gerou mais denúncias observadas em diferentes países de violência contra a mulher e contra a criança e o adolescente. Em se tratando de vulnerabilidade, para algumas mulheres, mais tempo em casa significa mais exposição a um parceiro abusivo e/ou violento (HALL et al., 2020). Marques e outros (2020) apontam que, no Brasil, o número de denúncias de violência recebidas no canal Ligue 180 cresceu 17% durante o mês de março. Só no Rio de Janeiro, observou-se um aumento de 50% nas denúncias de violência doméstica já no primeiro final de semana após os decretos estaduais de distanciamento social. Situações semelhantes foram observadas nos seguintes estados: Ceará, Pernambuco, Paraná e São Paulo.

Em estudo brasileiro com participação de 45.161 indivíduos com mais de 18 anos, não só a diminuição da prática de atividade física, mas o aumento do tempo frente às telas, da ingestão de alimentos ultraprocessados, do número de cigarros fumados e do consumo de bebida alcoólica, apontam para um agravamento no estilo de vida e aumento de comportamentos de risco à saúde (MALTA et al., 2020). Chamamos a atenção para que uma piora no estilo de vida crie e/ou exacerbe disfunções sexuais com fatores de risco como doenças cardiovasculares, sobrepeso/obesidade e com múltiplas comorbidades, como a Disfunção Erétil (DE). Apesar da falta de pesquisas sobre o assunto, Ibarra e outros (2020) destacam a associação de doenças pulmonares crônicas, doenças pulmonares intersticiais e Doenças Pulmonares Obstrutivas Crônicas (DPOC) associadas à DE. Somam-se os impactos emocionais diante da situação altamente estressante que os homens enfrentam durante a atual pandemia, criando e/ou exacerbando quadros de DE, além do adiamento da maior parte dos tratamentos médicos. Segundo Miranda e outros (2020), dada a ligação entre saúde mental e saúde sexual, espera-se que pacientes precisem de acompanhamento mais próximo, pelo risco maior de descompensar a disfunção sexual preexistente.

Não há confirmação de que o coronavírus possa ser transmitido durante relações sexuais, no entanto, indivíduos do sexo masculino em fase aguda da doença tiveram testes positivos no sêmen (MIRANDA et al., 2020). A controvérsia dos estudos iniciais sobre a presença da SARS-CoV-2 no sêmen, fluido vaginal e fezes de pessoas infectadas não descartou a possibilidade de transmissão sexual (MIRANDA et al., 2020). Práticas de sexo anal e anilingus podem representar risco de infecção (IBARRA et al., 2020). Segundo Ibarra e outros (2020) o SARS-CoV-2 ainda pode ser detectado no sêmen

de pacientes em recuperação, sendo o uso de preservativos e a abstinência sexual as orientações para esses casos até que haja maior clareza sobre a transmissão sexual. De qualquer modo, a proximidade respiratória da atividade sexual e a maior quantidade de vírus presente na saliva tornam o beijo, prática muito comum nas relações sexuais, muito arriscado (IBARRA et al., 2020). O distanciamento da atividade sexual de pessoas sem relação de compromisso, principalmente aquelas que convivem de maneira próxima a familiares que pertencem ao grupo de risco, deve ser considerado como fator de risco para abatimento emocional.

Ao considerar todos os dados publicados até o momento sobre o tema da pandemia e suas relações com a sexualidade, este número da RBSH se apresenta como um adicional às pesquisas internacionais ao trazer à tona temas bem relevantes para a pesquisa em saúde sexual.

Para discutir sobre a autoestima, a segurança e a autonomia da mulher, temos os artigos “Implicações do vaginismo no cotidiano das mulheres”, estudo de campo que apresentou resultados como baixa função sexual e implicação na autoestima de mulheres acometidas pela disfunção e “Resposta sexual autorreferida da mulher na terceira idade”, que explora a sexualidade da mulher idosa afetada mais por fatores sociais associados ao envelhecimento do que à idade em si, pretende quebrar mitos e preconceitos sociais e preparar futuros idosos para uma senescência mais saudável. Há que se considerar, nesse mesmo tema, a resenha da tese “Saúde sexual e envelhecimento: revisão da literatura e apontamentos sobre a prevenção” que apresenta o desafio para profissionais da saúde e para as políticas públicas voltadas aos processos de educação sexual preventivos.

Do outro lado da régua da idade, dispomos dos artigos “A terapia cognitiva comportamental: um olhar sobre sujeitos que ofendem sexualmente de crianças do mesmo contexto familiar”, que descreve o perfil pessoal que leva os indivíduos a ofenderem sexualmente crianças do mesmo contexto familiar, “Tipificações das violências sexuais cometidas contra adolescentes residentes na cidade de São Paulo”, com o objetivo de verificar o perfil epidemiológico das violências sexuais por meio do Sistema de Informação e Vigilância de Violências e Acidentes na cidade de São Paulo, e “As infecções sexualmente transmissíveis na perspectiva de adolescentes na pré-puberdade”, que abordou pré-adolescentes de 10 e 11 anos de idade e questionou seus conhecimentos sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST).

O estudo bibliográfico sobre o cuidado dos enfermeiros ao atender gestantes com sífilis encontra-se no artigo “Atuação do enfermeiro após diagnóstico de sífilis no pré-natal de baixo risco: revisão integrativa”, enfatizando a importância deste profissional para impedir agravos ao bebê.

A resenha do livro “Sexualidad(es) en clave cultural: guía informativa para la promoción de la salud sexual”, da autora Izaskun Zarrandikoetxea, promove a reflexão sobre as crenças em torno da sexualidade e o respeito às relações afetivo-sexuais para todos os profissionais envolvidos no campo da sexualidade humana e na mediação intercultural.

Com a preocupação da diversidade sexual aconselhamos a leitura da pesquisa científica “Diversidade sexual na educação superior: um estudo de caso”, que mostra a recepção da diversidade sexual numa instituição de educação superior – mostrando lados bons e ruins dessa acolhida em ambiente.

Na entrevista com Gerson Lopes, médico especialista em Ginecologia e Obstetrícia com atuação em sexologia, é possível verificar a importância de abordar o tema da sexualidade em consultas de rotina e do acolhimento da paciente ao saber observá-la e escutá-la sem se assustar com as queixas e suspender julgamentos.

Esperando que apreciem a leitura desta revista,  
abraço-os!  
Ana Canosa

## Referências

GAUSMAN, Jewel; LANGER, Ana. Sex and Gender Disparities in the COVID-19 Pandemic. *Journal of Women's Health*, v. 29, n. 4, p. 465-466, 2020. Disponível em: <https://www.liebertpub.com/doi/pdf/10.1089/jwh.2020.8472>. Acesso em: 25 ago. 2020.

HALL, Kelli Stidham et al. Centring sexual and reproductive health and justice in the global COVID-19 response *The Lancet*, v. 395, n. 10231, p. 1175-1177, abr. 2020. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7146687/>. Acesso em: 25 ago. 2020.

IBARRA, François Peinado et al. Impacto da pandemia COVID-19 no comportamento sexual da população: a visão do leste e do oeste. *International Brazilian Journal Urology*, Rio de Janeiro, v. 46, supl. 1, p. 104-112, jul. 2020. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-55382020000700104&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-55382020000700104&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 25 ago. 2020.

LEHMILLER, Justin J. *et al.* Less Sex, but More Sexual Diversity: Changes in Sexual Behavior during the COVID-19 Coronavirus Pandemic, *Leisure Sciences*, 26 jun. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/01490400.2020.1774016>. Acesso em: 5 set. 2020.

MALTA, Deborah Carvalho *et al.* A Pandemia de COVID-19 e as mudanças no estilo de vida de adultos brasileiros: um estudo transversal, 2020. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, Brasília, DF, v. 29, n. 4, e2020407, 2020. [Preprint] Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1679-497420200004000026>. Acesso em: 5 set. 2020.

MARQUES, Emanuele Souza *et al.* A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 36, n. 4, e00074420, Apr. 2020. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00074420>. Acesso em: 25 ago. 2020.

MIRANDA, Eduardo P. *et al.* Challenges in the Practice of Sexual Medicine in the Time of COVID-19 in Brazil. *The Journal of Sexual Medicine*, v. 17, n. 7, p. 1222-1224, jul. 2020. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7245252/>. Acesso em: 5 set. 2020.

SCHIAVI, Michele Carlo *et al.* Love in the time of COVID-19: Sexual function and quality of life analysis during the social distancing measures in a group of italian reproductive-age women. *The Journal of Sexual Medicine*, Amsterdam, v. 17, n. 8, p. 1407-1413, 2020. Disponível em: [https://www.jsm.jsexmed.org/article/S1743-6095\(20\)30709-8/fulltext](https://www.jsm.jsexmed.org/article/S1743-6095(20)30709-8/fulltext). Acesso em: 5 set. 2020.

YUKSEL, Bahar; OZGOR, Faruk. Effect of the COVID-19 pandemic on female sexual behavior. *International Journal of Gynaecology & Obstetrics*, Malden, v. 150, n. 1, p. 98-102, 2020. Disponível em: <https://obgyn.onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/ijgo.13193>. Acesso em: 5 set. 2020.

ZAHRA, Daneshfar *et al.* Influential factors on quality of life in married Iranian women during the Covid-19 pandemic in 2020: a path analysis. *Research Square*, Preprint. 2020. Disponível em: <https://www.researchsquare.com/article/rs-27439/v1>. Acesso em: 5 set. 2020.